

Atraindo investimentos

Banco Iwashin realiza seminário, ressaltando expansão do consumo e a evidência do Brasil no contexto sul-americano [texto e fotos: Marly Higashi]



Yasushi Ninomiya, da Japan External Trade Organization

Embalado no crescimento econômico, o Brasil vem despertando a atenção dos investidores japoneses. Depois da turbulência financeira que varreu o planeta, o Japão sentiu a necessidade de diversificar seu mercado, apoiando-se nos emergentes.

Por isso o banco Iwashin e sua parceira, a Caixa Econômica

Federal, realizaram, no último dia 3, o 2º Seminário Econômico, em Hamamatsu (Shizuoka), mostrando as razões pelas quais o Brasil se tornou tão atraente a negócios.

Participaram cerca de 280 japoneses, envolvendo empreendedores, agentes financeiros e pequenos investidores.

Em novembro, o Banco levará uma caravana de empresários ao Brasil para que eles possam constatar *in loco* os indicadores exuberantes desta expansão econômica e se municiarem de informações caso queiram abrir negócios.

Três palestrantes explicaram sobre o aumento vigoroso do consumo, o poder econômico do país, abundância de recursos naturais e a condução da política econômica, fiscal e monetária dos últimos anos.

O embaixador do Brasil no Japão, Marcos Bezerra Abbott Galvão, destacou o crescimento de 7,5% no ano passado, alicerçado principalmente na expansão do mercado interno graças também à melhor distribuição de renda e à política de inclusão social.

Respaldo em gráficos e números, apontou que, entre outros avanços, o Brasil gerou 15 milhões de empregos formais em 2.009. Segundo ele, além do desenvolvimento em bases seguras e de alta previsibilidade, a nação tem uma democracia sólida e boa relação de cooperação com todos seus dez vizinhos.

Em tom entusiasta, o consultor da Mitsui Bussan, Ken Shimanouchi, enfatizou que o Brasil não é a potência do futuro, mas do

presente. O Produto Interno Bruto ultrapassou o da Itália, tornando-se a sétima economia mundial.

Na sua avaliação, o Brasil estará no *ranking* dos cinco países mais ricos do planeta até 2016. Focou as vantagens brasileiras em relação aos demais integrantes do Brics.

“Não é uma potência militar, não dispõe de armas nucleares nem está envolvido em guerra civil”, cita. Ressalta que o país é a força motriz da América do Sul.

“Um filão de investimento é o setor de energia limpa, onde o Brasil está na dianteira, pois metade da frota automobilística é movida a metanol”, explica. Destacou a relação fraterna entre os dois países, já que 60% dos nikkeis espalhados no mundo estão no Brasil.

Momento certo

“O Brasil quer reforçar a competitividade internacional, agregando aos produtos maior qualidade, a custo mais em conta. Por isso, esse é o momento para os empresários japoneses investirem”, diz Yasushi Ninomiya, da Japan External Trade Organization (JETRO).

Releve-se o fato de que a classe média também em expansão se torna mais exigente. As barreiras contra a competitividade ainda são o real bastante valorizado e a tendência inflacionária que encarem a produção.

Segundo ele, apesar das medidas governamentais para conter o crescimento, freando a enxurrada de crédito, a demanda doméstica ainda tem larga margem para se desenvolver. Ninomiya exemplificou o desempenho de vários setores.

O mercado automotivo cresce 10% ao ano. Considerando que há um carro para cada 6,9 habitantes, ainda falta muito para o mercado se esgotar, a exemplo dos países mais ricos, onde a paridade vai de 1,2 a 1,4 habitante.



Consultor da Mitsui Bussan, Ken Shimanouchi

“A participação das montadoras japonesas no mercado é de apenas 9%. As vendas da marca coreana Hyundai cresceram 50% em relação ao ano passado”, adverte.

As exportações de carro, porém, patinam por culpa da valorização do real. Mas os maiores destinos exportadores na América do Sul e Central, Argentina e México, têm isenções alfandegárias. Brasil e Argentina integram o Mercosul. Já com o México, há o acordo de livre comércio.

Ninomiya explicou que a economia brasileira não sofre de graves problemas estruturais, encorajando os presentes a apostar no Brasil, injetando recursos em infraestrutura.

Um dos problemas enfrentados pelas empresas nikkeis é a dificuldade da busca de decasséguios para trabalhar no Brasil. O volume de consultas empresariais tem ampliado na JETRO, mas foge da sua alçada recrutar ou recomendar este ou aquele trabalhador. Poderia, porém, se criar mecanismos que facilitassem o canal de comunicação entre as partes. **E**